

Sumário

Apresentação da Coleção.....	7
Introduzindo o tema.....	9
Capítulo 1. Definição e implicações do conceito de Tradição Discursiva.....	15
1.1 O conceito de Tradição Discursiva	15
1.2 A composicionalidade das Tradições Discursivas .	24
1.3 Uma metodologia para distinção das Tradições Discursivas	37
1.4 Tradições Discursivas e os modos de enunciação falado e escrito	48
1.5 A relevância para os estudos da linguagem	56
Capítulo 2. A história de uma Tradição Discursiva.....	65
2.1 A história das receitas: derivação e mescla de Tradições Discursivas	66
2.2 O Tratado da Cozinha Portuguesa	71

2.3	A receita culinária: tradição e novidade	75
2.3.1	Da temática das receitas.....	75
2.3.2	Da composicionalidade e estilo das receitas	78
2.3.3	Do modo de dizer das receitas	90
Capítulo 3.	Aquisição de Tradições Discursivas	95
3.1	Os dados de escrita inicial infantil e o método ...	96
3.2	O modo de dizer dos textos infantis: mescla de tradições primárias	99
3.2.1	A junção: prevalência dos esquemas paratáticos.....	103
3.2.2	Correlação TD e junção nos textos infantis	111
3.3	Cenas da aquisição de uma Tradição Discursiva ..	114
	Considerações finais	119
	Desdobramentos do tema	121
	Lendo mais sobre o assunto.....	123
	Referências	125
	Índice remissivo.....	131

Apresentação da Coleção

A Coleção **Leituras Introdutórias em Linguagem** é destinada a alunos e professores de Letras, Linguística, Educação, *Design*, Sociologia, Psicologia e demais interessados nos estudos da linguagem. Tem por objetivo explorar temas centrais para essas áreas, sempre numa perspectiva em que se estabeleça uma articulação entre teoria e prática, através da inserção de atividades de pesquisa, incentivando, assim, os leitores a desenvolverem pesquisas quer no âmbito universitário quer na educação básica. Uma característica peculiar desta Coleção recai na forma de construção dos textos. A metodologia de trabalho envolve, além das organizadoras da coleção, dois “times” fundamentais que dialogam com os autores: os “leitores especialistas” e os “pareceristas especialistas”. O primeiro grupo, formado por 10 alunos de graduação em Letras de diferentes IES, faz a leitura dos originais e emite seus comentários. Cada original é, no mínimo, lido por três graduandos de IES distintas. Os comentários são encaminhados aos autores pelas organizadoras, que também leem os originais. Uma nova versão é enviada pelos autores para as organizadoras, após leitura e discussão dos pareceres recebidos. O segundo grupo, “pareceristas especialistas”, entra em cena, quando organizadoras e autores consideram que a reescritura do livro está pronta, finalizada. Nesse momento, é convidado um estudioso do tema do livro

para que emita um parecer sobre este. Com o parecer em mãos, organizadoras e autores voltam ao texto do livro para fazer as alterações que ainda possam ter sido sugeridas para aprimorar a qualidade da obra. Em outras palavras, a Coleção **Leituras Introdutórias em Linguagem** é, ao mesmo tempo, um exercício de escrita acadêmica para autores e organizadoras e um exercício de aprendizagem de leitura crítica de textos acadêmicos para alunos de graduação. Assim, esse pequeno time, ainda em formação regular, sugere, direciona, auxilia a escrita dos textos que poderão servir de referências para seus pares. De nosso lado, mensuramos (se isto é possível em tal contexto) as contribuições, críticas, sugestões, através do nosso compromisso com a formação dos cidadãos e com o incentivo às pesquisas na área da linguagem. Para avaliar o título “*Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*”, participou como parecerista convidada a professora Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ). A equipe de alunos de graduação em Letras que integrou o elenco de leitores especialistas foi composta por Aluska Silva (UFCG), Monique Borges Ramos da Fonseca (UFF), Bruno Araújo (UERJ), Sara Azevedo (UFRN), Beatriz de Lucena Moreira (UFRN), Larissa Moraes Pedrosa (UFCG) e Laís de Souza Ribeiro (UFCG). A todos o nosso muito obrigada!

Organizadoras da Coleção
Leituras Introdutórias em Linguagem

Maria Angélica Furtado da Cunha

Maria Auxiliadora Bezerra

Mariangela Rios de Oliveira

Introduzindo o tema

Este livro aborda o paradigma teórico-metodológico das *Tradições Discursivas*, que representa um elo fértil entre a história da língua e dos textos e a história social. Se, por um lado, o paradigma conquista adeptos, principalmente no âmbito dos estudos históricos do português, por outro, inspira críticos, quando se tem em conta que temas ligados ao modelo de *Tradições Discursivas*, tais como tipologia textual, intertextualidade e gênero, são abordados, há tempos, pela Linguística do Texto, pela Pragmática e pela Análise do Discurso, em perspectivas que variam de um cunho sócio-histórico e dialógico, comunicativo, sistêmico-funcional e interacionista. Trata-se, então, de uma terminologia nova para objetos já conhecidos?

As *Tradições Discursivas*, como abordadas aqui, têm um viés fortemente textual e pragmático. Consistem em modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que integram a memória cultural de uma comunidade, sendo mobilizados na construção e na recepção do sentido. Considerando que tudo que é dito ou escrito se realiza por meio de textos, estão em jogo uma intenção de dizer, o acervo lexical e gramatical da língua, os esquemas textuais normativos, as convenções sociais e históricas. Assim, *texto*, *história*, *convenção* e *cultura* são chave para a noção de *Tradições Discursivas* (TD, daqui em diante).

Como as próprias expressões *tradição* e *discursiva* suscitam diferentes interpretações, em vários campos do saber, é natural que surjam polêmicas em torno da noção de TD. A expressão *tradição*, como se verá, está estreitamente relacionada à historicidade dos textos já produzidos e das fórmulas e expressões tradicionais que caracterizam tanto gêneros institucionalizados (jurídico, religioso, político, militar), como também atos de fala de todo tipo (saudações, promessas, agradecimentos). A expressão *discursiva*, por sua vez, está relacionada à qualificação das tradições como tradições *linguísticas*. Deverá ficar claro que o conceito de TD abarca todo tipo de tradição do falar, incluindo a rede de tradições interna a um gênero (KABATEK, 2005).

Da perspectiva das TD, os textos compreendem conjuntos de enunciados linguísticos que se relacionam a uma realidade, a uma situação e a todos os outros textos já enunciados. A seguir apresentamos três textos: um resumo de artigo científico, um boletim de ocorrência policial e um excerto de bula de remédio. Os três são modelos textuais que seguem TD, uma vez que estão em relação de repetição e variação com inúmeros outros textos já ditos ou escritos, em contextos similares e com propósitos comunicativos também similares. O resumo científico tem muito em comum com todos os outros resumos dessa natureza, assim como o boletim e a bula com os tantos boletins policiais e bulas de medicamentos, em suas respectivas esferas de circulação. Isso equivale a dizer que esses textos têm uma tradicionalidade que reside, essencialmente, na repetição completa ou parcial de quaisquer aspectos temáticos, de forma e/ou de conteúdo.

Texto 1: Resumo de artigo científico

Este artigo pretende contribuir com o debate sobre a natureza das representações mentais ao discutir aspectos da linguagem infantil tanto oral quanto escrita. Dois estudos de casos foram

considerados. Miranda (2007) contribui com a discussão de aspectos relacionados com a aquisição da linguagem oral e Greco (2009) contribui com a discussão da aquisição da linguagem escrita. Os resultados analisados à luz da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2010) e da Teoria de Exemplares (JOHNSON, 1997, PIERREHUMBERT, 2001) indicam que as representações mentais contêm detalhes fonéticos finos e que as mesmas podem ser alteradas ao longo do curso de vida de um indivíduo. Estes resultados indicam que as representações mentais devem ser gradientes, multirrepresentacionais e dinâmicas. Sugerimos, neste contexto, que a experiência e o uso são cruciais para a organização e o gerenciamento do conhecimento linguístico. [Extraído de *Revista da Abralín*, n. especial, p. 153, 2011.]

Texto 2: Boletim de ocorrência policial

Foi repassado na rede rádio que havia a necessidade de uma guarnição policial no Hotel Prive a fim de dar apoio aos militares do policiamento velado da 6.^a Cia. De acordo com os PM, através de denúncia anônima ficaram sabendo que havia um casal hospedado no quarto nr. 17 daquele hotel e que pelas suas atitudes suspeitas poderiam estar com alguma transação ilícita (drogas), uma vez que foram observadas várias pessoas que entraram no hotel e se dirigiam para o quarto nr. 17 e após o contato estas pessoas saíam rapidamente. O policiamento velado da 6.^a Cia. sabendo da situação se dirigiu até o hotel e foi ter com os ocupantes do referido quarto. Foi procedida uma vistoria no local onde os objetos e pertences foram revistados sendo que foram encontrados drogas e dinheiro. A droga estava bem embalada e o dinheiro com cédulas de diversos valores. Em tempo, o segurança do referido hotel disse que o recinto é equipado com circuito interno e que foram vistas várias pessoas adentrando ao hotel e se dirigindo até o aludido quarto nr. 17 onde entravam e após alguns segundos saíam rapidamente. [Boletim de ocorrência produzido na cidade de Belo Horizonte.]

Texto 3: Precauções e advertências

Este produto contém o corante amarelo de tartrazina que pode causar reações de natureza alérgica, entre as quais asma brônquica, especialmente em pessoas alérgicas ao ácido acetilsalicílico. Hipoprotrombinemia por deficiência moderada nos fatores de coagulação, isto também pode ocorrer. Não administrar o produto concomitantemente com ferro inorgânico, pois este interfere na atividade da vitamina E. A administração correta nestes casos é após várias horas de ingestão de suplementos de ferro. Este produto concomitantemente usado com anticoagulantes, por exemplo, a varfarina, ou em pacientes portadores de deficiência de vitamina K, pode causar sangramento e retardar a cicatrização. Este medicamento não deve ser utilizado por mulheres grávidas sem orientação médica ou do cirurgião-dentista. [Excerto de bula de remédio.]

O conteúdo temático, a finalidade do texto, o modo de enunciação oral ou escrito, o destinatário presumido, o possível vínculo institucional, a relação de proximidade com outros textos, o léxico comum ou especializado e os arranjos sintáticos nas diferentes partes do texto são todos fatores — linguísticos e extralinguísticos — fundamentais para a inserção de um texto em uma tradição ou em uma rede de tradições.

Desse modo, o Texto 1, veiculado num periódico de Linguística, destaca-se por apresentar um léxico altamente especializado e citações teóricas que restringem sua leitura aos iniciados nos estudos da linguagem, particularmente em Fono-logia. O Texto 2, que constitui um registro oficial na esfera de uma corporação militar, destaca-se por apresentar uma narração descritiva de fatos, objetos e lugares, o que resulta, no plano linguístico, em um trabalho minucioso com as estratégias de retomada e com os recursos de adjetivação. Diferentemente, o Texto 3, que é a parte da bula referente às advertências, desta-

ca-se, sobretudo, pelo uso de verbos modais (*poder* e *dever*), por um léxico especializado e pela mescla de sequências textuais descritivas e prescritivas.

Com o propósito de apresentar ao leitor uma obra introdutória que contemple aspectos teóricos e aplicados do modelo de TD, estruturamos o livro em três capítulos. No primeiro, examinamos as TD sob a ótica de sua filiação teórica e de sua relevância e aplicabilidade nas descrições linguísticas, sobretudo em Linguística Histórica. Toda a argumentação tem compromisso com conceitos, categorias e métodos analíticos da romanística alemã, da qual emerge o paradigma das TD, mas nem por isso deixamos de manifestar nossas posições e preferências acerca de questões mais e menos consensuais. Tais posições e preferências justificam nossas decisões metodológicas, os desdobramentos que propomos e ainda a seleção e interpretação dos mais de setenta exemplos que compõem o conjunto dos capítulos.

Os dois outros capítulos abordam, respectivamente, *mudança* e *aquisição* de TD, temas que são cruciais para o reconhecimento da natureza composicional, dinâmica e não homogênea das TD. No segundo capítulo, elegemos uma TD, a receita culinária, para mostrar como mudanças nos *modos sociais de fazer* levam a variações e a mudanças nos *modos sociais de dizer*, e como essas alterações ficam particularmente evidentes nas construções morfossintáticas e nas seleções léxico-gramaticais. No terceiro capítulo, abordamos questões de aquisição e de uso de TD da enunciação escrita e, para tanto, elegemos como lugar de observação a inserção dos sujeitos nas práticas formais de letramento, onde nos confrontamos muito fortemente com a instabilidade e com a polissemia.

Capítulo 1

Definição e implicações do conceito de Tradição Discursiva

Em que consistem as TD? Qual é o lugar das TD nos estudos da linguagem? Para nos aproximarmos das respostas e, ao mesmo tempo, argumentarmos em favor da relevância teórico-metodológica das TD, neste capítulo revisitaremos as bases teóricas e o percurso de construção do modelo de TD. Estarão em pauta, entre outros, os conceitos de língua, historicidade e mudança, a relação entre TD e língua, a composicionalidade tradicional das TD, os modos oral e escrito de enunciação, e as fronteiras entre TD e gêneros. Todas as discussões teóricas e análises de casos serão mediadas pela interpretação que temos dos fatos, que decorre dos pontos de vista que assumimos.

1.1 O CONCEITO DE TRADIÇÃO DISCURSIVA

O conceito de TD nasceu no âmbito da filologia românica alemã, sob a influência decisiva das concepções de linguagem e de mudança linguística de Eugênio Coseriu. A motivação para o conceito de TD procedeu, de um lado, do reconhecimento de que

o uso da linguagem, nas tantas esferas sociais, se faz sempre por meio de textos e que, portanto, o lugar de inovação linguística¹ é o texto; e, de outro lado, dos debates, nas décadas de 1960 e 1970, em torno de questões de sociolinguística e de pragmática, aliadas a uma emergente linguística do texto. Nesse respeito, os trabalhos de Schlieben-Lange (1983, 1993), discípula de Coseriu em Tübingen, foram fundamentais para a construção do conceito de TD. A autora defendeu a distinção entre uma história dos *textos* e uma história das *línguas*. A história das línguas já era objeto de reflexão, desde o século XIX, sobretudo, com os comparatistas e depois com os neogramáticos, enquanto a história dos textos já produzidos numa comunidade ainda permanecia inédita.

Visando distinguir as duas grandezas históricas, *língua* e *texto*, Koch (1997) e Öesterreicher (1997) reavaliam os três níveis de atividade linguística que fundamentam a concepção de linguagem coseriana — o universal, o histórico e o individual — pelos quais a linguagem é uma atividade humana *universal*, realizada *individualmente*, segundo técnicas *historicamente* determinadas. O nível universal diz respeito à capacidade humana, biológica, de falar; o nível histórico diz respeito às línguas enquanto produtos históricos da atividade humana; e o nível individual, ao discurso ou texto como enunciação particular e única, que é, ao mesmo tempo, expressão da capacidade universal de fala e de uma tradição histórico-cultural. Nessa perspectiva, todo enunciado falado ou escrito pode ser analisa-

1. A expressão “inovação linguística” é empregada aqui em sentido teórico, nos moldes de Coseriu (1979). Para o autor, a inovação é o ponto de partida para a mudança linguística, podendo consistir em uma alteração de um modelo tradicional de dizer, na predileção de uma variante, na criação em meio às possibilidades do sistema, num empréstimo de outra língua ou ainda no apagamento de distinções supérfluas. A mudança propriamente dita, por sua vez, consiste na “adoção” de uma inovação. “O ouvinte adota o que não sabe, o que o satisfaz esteticamente, o que lhe convém socialmente ou que lhe serve funcionalmente. A adoção é, por isso, um ato de cultura, de gosto e de inteligência prática” (COSERIU, 1979, p. 78).

do pelos vieses de sua universalidade, de suas condições histórico-culturais e de sua singularidade. Há entre os níveis uma óbvia indissociabilidade, visto que reúnem aspectos envolvidos concomitantemente na atividade linguística.

No nível histórico, mais precisamente na percepção das diferentes historicidades, é que emerge o conceito de *Tradição Discursiva*. Koch (1997) e Öesterreicher (1997) propõem distinguir, dentro do nível histórico, o domínio da língua histórica particular e o domínio da tradição dos textos. Conforme o Esquema 1, essa distinção permite vislumbrar que a produção do sentido passa, necessariamente, por duas espécies de “filtro” concomitantes, que promovem adequação a dois tipos de técnicas, cujas fronteiras não são claras: as *técnicas da língua*, que organizam os fatos linguísticos, como oposições fonológicas, construções morfológicas, arranjos sintáticos e escolhas lexicais; e as *técnicas da tradição dos textos*, que organizam o linguístico em unidades maiores, texto ou discurso concreto, em termos de conteúdo temático ou domínio mais amplo de sentido, composicionalidade e estilo. O enunciado *Bom apetite!*, por exemplo, reúne a historicidade da língua portuguesa, manifestada nas escolhas léxico-gramaticais, e a historicidade de uma tradição, cultural e linguística, que se manifesta repetidamente no tempo e no espaço.

Esquema 1

Os filtros concomitantes na produção do enunciado



A diferenciação e a interface entre os domínios da *língua* e do *texto* requerem um entendimento mais circunstanciado dos tipos de historicidade que lhes são inerentes.

1. Historicidade da língua histórica particular

No âmbito das línguas históricas, estão as técnicas do *sistema* e da *norma*. O *sistema* equivale ao conjunto de possibilidades léxico-gramaticais de uma língua, ao passo que a *norma* abrange as possibilidades do sistema que são efetivamente usadas. Trata-se de uma distinção entre o que é funcionalmente possível (*sistema*) e o que é tradicionalmente realizado (*norma*).² No nível da língua histórica, residem também as variedades linguísticas, mais e menos prestigiadas, verificáveis dos pontos de vista geográfico (variação diatópica), social (variação diafásica) e estilístico (variação diastrática). Tais variedades influenciam nas escolhas linguísticas e nos modos de dizer, conferindo aos sujeitos uma identidade. Segundo Kabatek:

Os homens, quando falam, demonstram pertencerem a certos grupos de falantes e, ao mesmo tempo, determinam sua posição no espaço social. Poderíamos argumentar que isso já não é assunto da teoria da linguagem, mas da sociologia ou da psicologia social. De fato, é impossível compreender a realidade da

2. Segundo Coseriu (1979, p. 120-21), a norma abrange “tudo o que é estabelecido e comum nas realizações linguísticas tradicionais, ao passo que o sistema abrange as ‘possibilidades’, as diretrizes e os limites funcionais da realização, isto é, a própria técnica do fazimento linguístico. [...] Aprende-se o sistema muito antes do que a norma: muito antes de conhecer as realizações tradicionais para cada caso particular, a criança conhece o sistema de ‘possibilidades’, donde as suas frequentes ‘criações sistemáticas’ contrárias à norma (como *fazi e trazi*, por *fiz e trouxe*), constantemente corrigidas pelos adultos”.

interação linguística deixando de lado a função identificadora da língua e o contexto social (KABATEK, 1996, p. 23).

Adquirida uma língua histórica, o sujeito apropria-se dos signos linguísticos na sua atividade linguística diária, colocando-os em relação com seu estoque de conhecimentos, com seu mundo cotidiano, ressignificando-os. Desse modo, o sujeito participa ativamente do *fazimento* perpétuo que caracteriza sua língua — *a língua é algo que se cria e se recria continuamente no falar* (KABATEK, 1996, p. 20) — ao mesmo tempo em que se constitui, pela língua, em indivíduo social. A historicidade da língua é, então, a historicidade do homem social, entendendo *social* aqui não apenas em termos da coletividade das classes sociais, mas, sobretudo, em termos dos papéis sociais assumidos e das relações sociais entre o eu e outro que, juntamente com as finalidades comunicativas e demais condições de produção,³ determinam o que dizer e como dizer, produzindo sentido.

2. Historicidade dos textos

No âmbito dos textos, a historicidade diz respeito ao acervo de textos já ditos e já escritos, armazenados na memória da comunidade, na forma de modelos linguísticos tradicionais. Esse acervo textual é sempre mobilizado nas situações de enunciação, que repetem elementos tradicionais, colocando-os novamente em cena. Repete-se, às vezes, uma finalidade de dizer;

3. A expressão *condições de produção* é utilizada aqui à maneira de Koch e Öesterreicher (2007). Na abordagem da relação entre oralidade e escrita concepcionais, os autores enumeram os fatores das condições de produção, associando-os ora ao eixo da *proximidade* comunicativa, ora ao eixo da *distância* comunicativa, com suas respectivas estratégias de verbalização (cf. Seção 1.4).

repetem-se, outras vezes, aspectos de forma e/ou conteúdo, em graus variáveis. O enunciado é construído, assim, por uma conjunção inédita entre os textos prévios, evocados e repetidos total ou parcialmente, e a novidade da situação, que faz de toda enunciação um evento único.

É assim que, por exemplo, a recorrência de forma em quartetos e tercetos define a tradição *soneto*, ainda que os sonetos possam ser construídos de modo diverso, em função do domínio de sentido em que se inserem. De forma similar, a recorrência da expressão *era uma vez* insere o texto, em (1), na tradição dos contos infantis; a recorrência de expressões de benevolência no início e no desfecho do texto, em (2), caracterizam em parte a tradição das cartas pessoais; a recorrência de forma em tópicos, além da recorrência dos títulos e subtítulos, juntamente com o uso da morfologia de imperativo são traços tradicionais e caracterizadores do texto instrucional em (3).

- (1) **Era uma vez**, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa. Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina. Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

[*Chapeuzinho Vermelho*, Irmãos Grimm. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br>>. Acesso em: jan. 2014.]

- (2) Washington. —
**Que continues com
 saúde em companhia de Sophia
 é o que desejo.** —

Creditei hoje em tua conta
no banco do Commercio e Industria
a quantia de 2:826#000. -
Junto uma nota de seus negócios
peço-te verificar se está
exacta, e responder-me. -
[...]

**Um abraço em minha
querida Sophia e
disponha do
Mano Amigo e
Primo Raphael**

[Carta de Raphael Tobias de Barros a Washington Luiz,
escrita em 2 de agosto de 1900.

Excerto extraído de SIMÕES, J.; KEWITZ, V. (Ed.). *Correspondência
passiva de Washington Luiz*. São Paulo: Humanitas, 2006.]

(3) INSTRUÇÕES DE USO

Os utensílios com antiaderente Starflon terão maior durabilidade se as instruções abaixo forem seguidas:

Antes de usar:

- **Lave** interna e externamente o utensílio, usando apenas uma esponja macia, sabão neutro ou detergente líquido.
- **Enxugue** bem com pano seco e unte todas as partes internas com óleo ou gordura.
- **Leve** ao fogo baixo por um ou dois minutos.
- **Deixe** a peça esfriar, **lave** e **enxugue** novamente.

[Manual de instruções de utensílios de cozinha
com antiaderente Starflon.]

Critério definidor da historicidade e tradicionalidade dos textos, a *repetição* refere-se, portanto, à reiteração no tempo de

um elemento de forma ou de conteúdo, guardado na memória. É nesse sentido que o evento comunicativo pressupõe a reunião entre o ineditismo e o já dado, o que se traduz na relação do texto com outros textos já enunciados. Essa relação fundada na repetição sempre responde a uma *evocação*, que decorre de uma situação concreta, de uma instituição ou até mesmo de um meio de comunicação, de modo que uma TD é mais do que um simples enunciado, é um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação etc., mas também relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição (KABATEK, 2005, p. 161).

Como exemplo, suponhamos a situação em que uma jovem está na bilheteria de um cinema, com o documento que a identifica socialmente como estudante. Essa situação evoca um enunciado do tipo (4), já repetido inúmeras vezes por ela e por outros, e que significa literalmente “eu quero comprar uma meia-entrada”. Há, nesse enunciado, o encontro entre atualização e tradição. E, em função do conhecimento linguístico e das convenções sociais, o atendente não tem dificuldades em recuperar os implícitos, compreender o enunciado e entregar o bilhete.

(4) uma meia

Assim, é a relação de tradição entre os textos que torna legítimo o conceito de TD, tal como utilizado nos trabalhos de Koch (1997), Öesterreicher (1997) e Kabatek (2005). Nesse ponto, já temos elementos que nos permitem aproximar, ainda que genericamente, de uma definição de TD como consistindo em *modelos linguísticos tradicionais, sócio-historicamente convencionalizados, que condicionam a seleção e a combinação dos elementos linguísticos, regendo assim a produção e a recepção do*

discurso ou texto. Trata-se de uma noção ampla, que abarca gênero textual e discursivo, estilo, tipos textuais, fórmulas conversacionais e atos de fala de todo tipo. Esse polimorfismo das TD é tema da próxima seção.

O conceito de TD contempla, além do linguístico, o convencional, o ritual, o repetível. Na perspectiva das TD, admite-se que só enunciamos por meio de textos, e o sentido, nesses textos, está não só nas palavras e construções, mas também nas pessoas e no ritual tradicional. Fundamentalmente, a natureza das relações sociais entre os participantes, as determinações temáticas e as finalidades de dizer evocam TD, que trazem, por repetição, fragmentos do já dito ou escrito, regulando decisões no nível da língua histórica. Da discussão conduzida até aqui podemos extrair algumas generalizações, que terão desdobramentos neste capítulo, tendo em vista um tratamento mais refinado da noção de TD:

(i) A relação entre TD e língua histórica é de interdependência mútua, pois, de um lado, as TD determinam a escolha de variedades e de formas linguísticas e, de outro, arranjos linguísticos particulares são típicos e caracterizadores de determinadas TD. Nesse sentido, ainda que as historicidades sejam diferentes — no âmbito da língua histórica, a historicidade é essencialmente linguística, enquanto no âmbito dos textos, é linguística e cultural — ambas se entrecruzam no enunciado. Na Seção 1.3, à maneira de Kabatek (2005), elegemos o fenômeno da junção, com as possibilidades variáveis de realização nas composições sintáticas associadas às relações semânticas, para explicitar a referida relação entre TD e língua.

(ii) Considerando que os enunciados falados e escritos sempre estão inseridos em tradições culturais de dizer e escrever, em TD, o debate acerca do estatuto teórico de fala e escrita

só é pertinente, portanto, à luz das TD. Na Seção 1.4, equacionamos algumas das discussões em torno de fala/oralidade e escrita/letramento, com dois propósitos maiores: primeiro, corroborar o deslocamento de um lugar, que é *língua falada e escrita*, para outro, que é *texto falado e escrito*, reforçando a distinção entre as duas grandezas históricas *língua e texto*; segundo, mostrar que na relação fala/escrita podemos levantar evidências do caráter heterogêneo das TD.

(iii) Assim como as línguas históricas não são conjuntos fixos de técnicas, mas se fazem e se transformam continuamente, os modelos linguísticos tradicionais, as TD, também mostram instabilidade no tempo. São sensíveis às alterações sociais e culturais. Desse modo, nem a língua histórica, nem a TD são produtos prontos e acabados, mas na natureza de ambas está o *fazimento* constante. As mudanças nos *modos de fazer* e nos *modos de viver*, nas tantas esferas de atividades sociais, levam a mudanças nos *modos de dizer*, e o investigador da história da língua não pode ignorar tais mudanças. Esse tema será desenvolvido na Seção 1.5.

1.2 A COMPOSICIONALIDADE DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Consideremos, como ponto de partida, uma definição mais circunstanciada de TD, elaborada em Kabatek (2005):

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e